

## LUTA CONTRA A LEPRA — NECESSIDADE DE LEPRÓLOGOS\*

AMADO SAUL\*\*

A luta contra a lepra necessita, antes de mais nada, de material humano, de pessoas competentes e interessadas nos múltiplos problemas que a enfermidade apresenta. A falta dêste material se tem feito sentir sempre, desde os primeiros tempos em que se intentou lutar contra êsse mal em todos os países do mundo, mas sobretudo naqueles que, por sua alta endemia, mais carecem de leprólogos bem preparados.

A lepra é uma doença que apresenta muitos atrativos sob todos os pontos de vista e é capaz de satisfazer, por si só, as aspirações de qualquer médico, seja qual fôr sua especialização em medicina. Poucas moléstias podem oferecer tanto ao médico; entretanto, não há leprólogos suficientes nem sequer médicos clínicos preparados para atender os milhões de doentes que existem no mundo, e ainda mais, os leprólogos, em grande maioria, estão mal orientados ou o são por "acidente". É que os atrativos que oferece a lepra devem ser descobertos, porque não estão a vista, bem ao contrário, envoltos e deformados pelo medo e pelo preconceito ancestral da doença que se apodera até dos próprios médicos. Se antigamente tal horror era justificável, a luz dos conhecimentos atuais é infundado e anacrônico. Isto o médico leprólogo só compreende depois de descobrir os "encantos" que a leprologia oferece e de haver dedicado a ela sua vida e seu esforço.

A lepra não só é uma doença "atrativa" como também absorvente; quando se começa a trabalhar nela não se pode nem se quer fazer outra coisa, já que "não se pode viver sem a lepra". Parece exagerado, mas é verdade.

A moléstia oferece tantos e tão variados aspectos, que em qualquer dêles se poderia trabalhar tôda a vida, e se alguém não crê nesta afirmativa, divaguemos um pouco sôbre esta idéia. Sob o ponto de vista estritamente dermatológico a lepra oferece um grande poliformismo, pode simular muitos e variados processos cutâneos em tal grau, que não exageramos dizendo que quase tôda a gama de lesões dermatológicas pode ser encontrada na lepra e que o simples estudo das manifestações cutâneas da enfermidade é um magnífico ensaio propeidêutico.

Desde o campo em que se aplica o internista, a lepra oferece enormes perspectivas de estudo e não devemos esquecer que se trata de uma enfermidade sistêmica e que há ainda múltiplas interrogações no que diz respeito as lesões viscerais que ocasiona, assim como as mudanças humorais e endócrinas que apresentam os doentes, sobretudo os lepromatosos. A

---

\* Publicado em "Dermatologia" (revista mexicana), vol. III, nº 4, dezembro 1959.

\*\* Médico do Centro Dermatológico Pascua, Cidade do México (Diretor: Prof. F. Latapi).

"reação leprótica" continua sendo um mistério em sua explicação, patogenia tratamento, mais um desafio ao clínico, ao interessado na imunologia e ao terapeuta.

O tratamento, embora eficiente à base de sulfonas, não é perfeito e ainda prosseguem as investigações de novas drogas.

Porém não esqueçamos que, além de tudo, é uma doença infecciosa e por isso engendra problemas epidemiológicos. A êste respeito recordemos a existência de grandes zonas de endemia, de dilatados focos onde ela se transmite entre os membros de uma mesma família e logo de família em família. O sanitarista se encontra em seu meio e com problemas não tão fáceis de resolver, tais como o modo de transmissão da doença, a prevalência real nesta ou naquela zona, a pesquisa do caso originário, a descoberta de casos novos, o estudo de contatos, os futuros enfermos se o doente não fôr atendido como deve.

A lepra é, ainda e sobretudo, uma doença social e como tal traz paralelamente grandes problemas, as vezes mais graves do que a própria doença e neste ponto se enquadram as idéias modernas que em todos os países têm tomado grande vulto, as da Medicina Social. Nêste campo a luta prevalece, luta-se contra o preconceito tão arraigado na população em geral, luta-se contra a falta de interêsse das autoridades sanitárias, do médico e do doente, contra a apatia do paciente, contra a ignorância e incompreensão do povo, contra a pobreza. Aquí domina a idéia de considerar o doente de lepra como um ser que sente e sofre, que necessita não de lástima ou de esmola, mas de ajuda desinteressada e firme na forma de um auxílio econômico ou simplesmente de uma conversação elucidativa ou convincente.

E, como se fôra pouco, no terreno da investigação há muito que fazer: o cultivo e inoculação do bacilo, o modo de transmissão da doença, a "reação leprótica", os problemas de imunidade, o encontrar uma imunização eficiente e muitos outros.

Um bom leprólogo deveria ser teóricamente um dermatólogo, um clínico, um investigador, um sanitarista, um terapeuta, um trabalhador social. Isto é pedir muito, não seria possível tanto, porém pode-se ter um pouco de cada um.

Em primeiro lugar deve ser um dermatólogo, já que a enfermidade tem seus principais sintomas, sobretudo os iniciais, na pele, cujo reconhecimento é indispensável para um diagnóstico correto e a tempo. Deve ter conhecimentos de medicina interna para descobrir e tratar as enfermidades e transtornos associados a lepra e que devem ser atendidos mesmo antes da própria doença. Deve saber algo sôbre epidemiologia, sem que seja forçosamente um sanitarista; tanto melhor se o fôr, pois atenderá mais os problemas da determinação dos focos e fontes de infecção e poderá realizar uma conveniente pesquisa de contatos. Deve ter uma preparação sólida de acôrdo com as idéias modernas de não isolamento, nem perseguição de enfermos, sómente persuasão e compreensão do doente, mais que nenhum outro, porém ao mesmo tempo segurança e firmeza de ação. Não se admitem idéias ambíguas a êste respeito. Deve ser um observador e com certa capacidade de investigação para usá-la quando fôr necessário.

Êste o lado positivo. Em sentido contrario diríamos que um leprólogo não deveria ser um burocrata, no sentido amplo do têrmo; é claro que deve receber honorários decentes, porém não um abono nem gratificação por trabalhar em lepra porque ha o risco de se fazer leprólogos de "gabinete", que trabalham só pelo ordenado, sem o menor interêsse, e dêste modo toda campanha vai a ruína.

É preciso entender e fazer entender a sãos e a doentes que o leprólogo não é um mártir, nem um santo exposto ao "contágio" ou um desiludido

da vida ou um pecador que "expia" suas culpas cuidando desses doentes. Nada mais falso: é tão somente um médico como outro qualquer, dedicado a ver e tratar esses doentes como o cardiologista atende os cardiopatas e o neurologista os neuropatas.

Não é muita exigência pedir estas condições; qualquer médico com um pouco de interesse e capacidade de trabalho e um mínimo de nobreza de alma, pode possuí-las. Há falta de leprólogos, bons leprólogos, no México e na América, na Ásia e na África, porém não pensemos que virão por si mesmos, é preciso ensinar, demonstrar, é preciso descobrir-lhes, se já não o fizeram antes, esses "encantos" que a lepra oferece, certos de que depois de havê-los descoberto não quererão jamais separar-se deste interessante campo da medicina.